



Minorias imigrantes e promoção da leitura em Portugal

José António Gomes¹

Portugal

1. Portugal: um país (também) de imigrantes

Em comunicação apresentada em San Sebastián, no IV Congresso Ibérico da OEPLI, realizado em 2008, eu mesmo, Ana Margarida Ramos e Sara Reis da Silva² tivemos ocasião de referir que, desde 1974 e, principalmente, após a integração na Comunidade Europeia, em 1986, Portugal deixou de ser apenas o país de partida que antes havia sido, em especial nas décadas de 60 e 70, para se converter em “país de acolhimento preferencial de imigrantes de múltiplas nacionalidades e línguas”. Como então apontávamos, “para além de se terem aberto à imigração brasileira e dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), as fronteiras portuguesas abriram-se à Europa de Leste, ao Oriente e à África subsariana” (Gomes, Ramos, Silva, 2008).

Com cerca de dez milhões e meio de habitantes, em 2009, Portugal tinha mais de quatrocentos e cinquenta mil imigrantes³ de diferentes nacionalidades, registando-se elevadas percentagens de pessoas oriundas dos países africanos de Língua Portuguesa, do Brasil, da China, da Ucrânia e de outros países do leste europeu. “No que diz respeito ao universo escolar, os dados apontam para a existência, nas escolas portuguesas, de mais de 120 nacionalidades diferentes, sendo 80 as línguas faladas pelos alunos em contexto familiar” (Gomes, Ramos, Silva, 2008)⁴.

¹ Escritor e Professor Coordenador da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto. Dirige a revista *Malasartes* e é Vicepresidente da Asociación de Investigadores de Literatura Infantil e X/Juvenil (ELOS-ANILIJ).

² Quero deixar aqui uma palavra de agradecimento a Ana Margarida Ramos, professora da Universidade de Aveiro, e a Sara Reis da Silva, professora da Universidade do Minho, elementos da equipa do portal *Casa da Leitura* e duas das mais autorizadas investigadoras portuguesas em Literatura para a Infância e a Juventude, cujas sugestões, por mim solicitadas, foram acolhidas no texto que agora se apresenta.

³ Mais exactamente 454 191, segundo os dados estatísticos disponibilizados pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.

⁴ A título de exemplo, aponto o caso paradigmático da escola de 2.º e 3.º ciclos do Ensino Básico mais próxima do centro da segunda cidade do país – a EB 2,3 de Augusto Gil, no Porto – em cuja população escolar conviviam, em 2007-08, crianças oriundas de catorze países: Angola, Bangla Desh, Brasil, Cabo Verde, China, Equador, Guiné-Bissau, Índia, Marrocos, Moçambique, Paquistão, Portugal, Rússia e Ucrânia.



Embora certos estudos apontem Portugal como um dos países europeus onde é menos problemática a integração social dos imigrantes, certo é que a nossa sociedade não se encontra imune a tendências xenófobas e racistas, sendo reais as dificuldades sentidas na escola, em núcleos comunitários e noutras instâncias, quando se trata de ver accionadas mediações socio-culturais e promovida a inclusão.

Por tal motivo, e considerando que a sociedade portuguesa se tornou multicultural, importa meditar sobre o trabalho realizado e a realizar no que respeita à promoção da leitura e à investigação que sustenta esse trabalho.

2. Livros para a infância e a juventude que valorizam a diversidade

Começarei por uma nota sobre a própria produção literária para a infância que, tanto no tocante a autores nacionais, como em matéria de obras estrangeiras traduzidas, vem abordando de modo crescente questões resultantes desta nova realidade da sociedade portuguesa, cultivando diferentes modalidades de criação (conto ilustrado, álbum, narrativa juvenil, poesia, texto dramático) e tematizando, directa ou indirectamente, a diferença e a discriminação, a emigração, a tensão decorrente do confronto com outra etnia/cultura/língua, as dificuldades de construção identitária, a inclusão e a exclusão sociais, a xenofobia e o racismo, a vida e a cultura de povos de diferentes países e continentes, entre outros tópicos. Sem os comentar (a lista poderia ser maior e incluir, por exemplo, os livros da colecção “Uma aventura” (Editorial Caminho), de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, com acções localizadas em diferentes países), refiro, de passagem, e por ordem cronológica de publicação, uma pequena selecção de títulos portugueses, ilustrativa desta tendência, na qual sobressaem dois nomes, Luísa Ducla Soares e Ana Saldanha:

O País das Pessoas de Pernas para o Ar (Porto: A Regra do Jogo, 1973), de Manuel António Pina, com ilustrações de João Botelho.

Gigões & Anantes (Porto: A Regra do Jogo, 1974), de Manuel António Pina, com ilustrações de João Botelho.

O Meio Galo (Rio Tinto: ASA, 1976), de Luísa Ducla Soares, com ilustrações de João Machado.

O Têpluquê e Outras Histórias (Porto: Regra do Jogo, 1976), com ilustrações de João Botelho.



O Grilo Verde (Lisboa: Horizonte, 1984), António Mota, com ilustrações de Manuela Bacelar.

A Cor que se Tem (Lisboa: Plátano, 1986), de Maria Cândida Mendonça, com ilustrações de Francisco Tellechea.

Alex, O Amigo Francês (Lisboa: Caminho, 1989), de Carlos Correia.

Umás Férias na Argélia (Porto: Areal, 1990), de Madalena Gomes, com ilustrações de Vítor Simões.

O Dinossauro (Porto: Afrontamento, 1990), de Manuela Bacelar (texto e ilustrações).

O Espantalho às Avestas (Lisboa: Vega, 1992), de Assírio Bacelar.

Os Ovos Misteriosos (Porto: Afrontamento, 1994), de Luísa Ducla Soares, com ilustrações de Manuela Bacelar.

Os Caçadores de Cabeças (Lisboa: Verbo, 1994), de Alexandre Honrado, com ilustrações de Cristina Malaquias.

A Caminho de Santiago (Porto: Campo das Letras, 1995), de Ana Saldanha, com ilustrações de Fernando Oliveira (e outros livros da mesma autora na colecção “Vamos viajar”, com acções situadas na Irlanda ou na Grã-Bretanha).

Uma Questão de Cor (1995; 2.^a ed., Lisboa: Caminho, 2002), de Ana Saldanha, com ilustrações de José Miguel Ribeiro.

A Viagem de Djuku (Lisboa: Caminho, 2003), de Alain Corbel (também ele imigrante em Portugal), com ilustrações de Éric Lambé.

Há sempre uma Estrela no Natal (Porto: Civilização, 2006), de Luísa Ducla Soares, com ilustrações de Fátima Afonso.

A Colecção ([s.l.]: ed. de autor, 2007), de Margarida Botelho (texto e ilustrações).

Desejos de Natal (Porto: Civilização, 2007), de Luísa Ducla Soares, com ilustrações de Ricardo Rodrigues.

A Casa Grande (Porto: Trinta por Uma Linha, 2009), de João Manuel Ribeiro, com ilustrações de Ricardo Rodrigues.

O Conto dos Chineses (Lisboa: Dom Quixote, 2009), de José Cardoso Pires, com ilustrações de Henrique Cayatte.

Anton (Porto: Trinta por uma Linha, 2009), de Simão Vieira (texto e ilustrações).



Nunca Unca ([s.l.]: Contra Margem, 2009), de Dulce Souza Gonçalves e Marcela Forjaz, com ilustrações de Jaime Lopes.

3. Leitura e educação para a multiculturalidade e a interculturalidade

Recorrendo a alguns destes títulos (de Luísa Ducla Soares, Manuel António Pina, Assírio Bacelar) e a álbuns estrangeiros conhecidos – como *Elmer*, de David McKee (Lisboa: Caminho, 1997) –, entre outras obras, um dos primeiros projectos portugueses situáveis na área que nos interessa teve como alvo escolas da Educação Pré-escolar e do Ensino Básico. Designado como **LIDIVE: A Literatura para a Infância como Dispositivo Pedagógico numa Educação de Aceitação Activa da Diversidade**, desenvolveu-se entre 1994 e 1996, era um projecto de intervenção pedagógica com enquadramento universitário⁵, mas não incidia propriamente na educação literária ou na mediação da leitura. Fundamentado em pressupostos teóricos das Ciências da Educação, procurava, isso sim, promover a educação intercultural, tomando a literatura para a infância como mero “dispositivo pedagógico”. A memória do projecto encontra-se publicada em livro por Leite e Rodrigues (2000): *Contar um Conto, Acrescentar um Ponto: Uma abordagem intercultural na análise da literatura para a infância*.

Um projecto de 2001, “**A multiculturalidade no contexto de ligação escola – comunidade**”⁶, realizado no âmbito do Programa Nónio, envolveu o Instituto Português de Oncologia Francisco Gentil (IPOFG) – Centro Regional de Lisboa, a Escola Secundária de Sacavém e outras escolas das proximidades, além de um Centro de Avaliação em Novas Tecnologias de Informação e de Comunicação (CANTIC). Apoiado por um programa de financiamento estatal, procurou proporcionar a crianças internadas no hospital do IPOFG um contexto de aprendizagem próximo do ambiente escolar e, em simultâneo, subtrai-las a situações de isolamento e desenraizamento, dando-lhes, por outro lado, a possibilidade de conhecerem outras realidades culturais e de verem valorizada a sua própria cultura, considerando que muitas dessas crianças

⁵ Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, coordenação de Carlinda Leite.

⁶ http://nonio.crie.min-edu.pt/concursos/fichas_pdf/multiculturalidade.pdf (início: 2001; acedido em 25-08-2010)



doentes são provenientes de países africanos de língua portuguesa (PALOP) e de várias regiões de Portugal. Para tal, o projecto em causa apostou em comunicação multimédia avançada, tendo encontrado no conto tradicional oral, de diferentes origens, um meio susceptível de favorecer a socialização e a inclusão social, o conhecimento da diversidade cultural e linguística, além da própria aprendizagem de conteúdos curriculares. Uma vez mais, no entanto, tratou-se de um projecto de intervenção socio-educativa.

Outro projecto merecedor de referência, iniciado em 2006, é o do **Clube de Contadores de Histórias** da Escola Secundária Daniel Faria (Baltar, concelho de Paredes, distrito do Porto) que difunde regularmente, por correio electrónico e no *site* <http://www.prof2000.pt/users/historias/index.htm>, contos infantis de autores de diversas procedências culturais e linguísticas, traduzidos para Português em versões de qualidade, contando ainda, na área da formação contínua em Literatura para a Infância e a Juventude, com ligações ao Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos e ao Sector de Formação e Educação Contínua da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (formadoras: Luísa Malato e Maria do Rosário Pontes). Num dos seus regulares envios por correio electrónico, os responsáveis pelo Clube de Contadores de Histórias afirmam:

Em virtude do interesse manifestado pelas mais diversas pessoas, decidi o (...) Clube tornar o seu projecto extensivo a outros sectores da sociedade, a algumas instituições vocacionadas para o apoio à comunidade, às comunidades portuguesas dispersas pelo mundo, bem como aos países de língua portuguesa e demais pessoas eventualmente interessadas. Convicto de que essas mesmas histórias, lidas em família, poderão contribuir para o estreitamento de laços afectivos e para a transmissão de valores fundamentais para a formação do carácter dos mais jovens, o referido clube propõe-se enviar, todas as semanas, por *e-mail*, uma pequena história, a fim de que o maior número de pessoas venha a beneficiar com a sua leitura.

Também o **Ano Europeu do Diálogo Intercultural** (2008) constituiu, em Portugal, ponto de partida para um vasto conjunto de iniciativas de promoção da leitura em bibliotecas, escolas, museus, associações culturais, profissionais e outras instâncias, públicas e privadas. Um pouco por todo o país, decorreram comunidades de leitores e realizaram-se sessões de conta-contos e de teatro, encontros com escritores e ilustradores, recitais de poesia, exposições, iniciativas centradas em livros de temática multi/intercultural, *workshops*, colóquios, etc.. A coordenação, recolha e divulgação de



informação esteve a cargo do ACIDI – Alto Comissariado para a Imigração e o Diálogo Intercultural (acidi@acidi.gov.pt), organismo governamental que, acima de tudo, lançou o desafio à sociedade e às instituições, suscitando uma reflexão sobre o tema e acolhendo no programa as iniciativas provindas dos quatro cantos do país. Exceptuando algum envolvimento e apoio da Direcção-Geral do Livro, do Plano Nacional de Leitura, das Bibliotecas e das municipalidades, o Ano Europeu do Diálogo Intercultural teve algum impacto mediático mas não gerou propriamente apoios materiais significativos para a promoção da leitura nem para a investigação – a qual, aliás, não parece ter sido particularmente incentivada. Destaque-se, neste contexto, o **Projecto “Ler + em vários sotaques”**, iniciativa do Plano Nacional de Leitura com o Alto Comissariado para a Imigração e o Diálogo Intercultural, procurando promover a leitura junto de crianças e jovens, independentemente da sua nacionalidade ou língua materna, e estimular a leitura em voz alta nas escolas, em “vários sotaques regionais e nacionais”.

Já no domínio mais específico da investigação universitária ligada à literatura para a infância e à promoção da leitura na sua relação com os temas da interculturalidade e da diversidade linguística, deve salientar-se, em 2009, o **“I Colóquio Ibérico “Literatura Infantil e Interculturalidade” / III Simpósio da Red de Universidades Lectoras”**, realizado na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, em 16 e 17 de Novembro de 2009; e ainda as **“Jornadas Internacionais de Tradução de Literatura Infanto-juvenil”**, organizadas, em 20 e 21 de Maio de 2010, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, por iniciativa da Secção de Tradução do Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas desta faculdade, em articulação com o seu Programa de Doutoramento em Estudos de Tradução e o Mestrado em Tradução. Estas Jornadas Internacionais tiveram subjacente «uma concepção ampla de tradução» e pretenderam “ser uma plataforma de diálogo e (...) apurar tendências no que respeita a autores traduzidos, línguas de que se traduz, temas, relação do livro com outros meios de comunicação, critérios editoriais, estratégias de tradução, entre outros aspectos”. Procurou-se, igualmente, “aferir a produção crítica e teórica que, entretanto, se vem desenvolvendo nestas áreas”, como se afirmava no texto de apresentação das jornadas (v. https://www.uc.pt/fluc/pdfs_agenda/Jornada_Literatura_Infantil.pdf (acedido em 25-08-2010)). Lewis Carroll, C. S. Lewis,



Roald Dahl, Goscinny, J. K. Rowling, entre outros autores, viram, do ponto de vista da tradução, obras suas abordadas neste encontro.

Entre 2005 e 2008, projectos desenvolvidos por investigadores ligados à Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, no seio de uma rede de parceiros de diferentes países, aglutinados em torno de um projecto europeu de leitura de ficção infanto-juvenil em linha (o **European Digital Media Reporter (EDM REPORTER)**), e no quadro do projecto COMENIUS/SÓCRATES, procuraram problematizar, de um ponto de vista teórico, e de modo não simplista, as complexas e discutidas noções de educação intercultural e educação multicultural, elaborar listas bibliográficas selectivas com vista a uma educação literária intercultural, disponibilizar materiais de leitura *on line* para crianças e jovens e ainda “abordar perspectivas de utilização dos recursos em linha na área da literatura infanto-juvenil”. Maria Margarida Morgado (2010), em artigo que estou a citar e que descreve sucintamente os vários subprojectos desenvolvidos, discute, além do mais, a perspectiva de educação intercultural subjacente a cada um deles e as respectivas implicações ideológicas.

Realizam-se, por outro lado, há quinze anos, no Porto, os **Encontros Luso-Galaico-Franceses do Livro Infantil e Juvenil**, uma iniciativa de carácter intercultural e multilinguístico, organizada por várias entidades, das quais se destacam a Associação Portuguesa para a Promoção do Livro Infantil e Juvenil (APPLIJ – Secção Portuguesa do IBBY), GÁLIX (o ramo galego de OEPLI, Secção Espanhola do IBBY), a Rede Temática de Literaturas Infantis e Juvenis do Marco Ibérico (LIJMI) e ELOS – Associação Galego-Portuguesa de Investigação em Literatura Infantil e Juvenil. Já por mais do que uma vez estes encontros internacionais, em que se cruzam as línguas portuguesa, galega e francesa, promoveram a reflexão e a divulgação de investigação e de experiências de promoção da leitura na área que aqui nos interessa: a literatura para a infância e a juventude em sociedades multiculturais e as minorias linguísticas. Registe-se, aliás, de passagem, que um dos volumes monográficos publicados pela Rede LIJMI (que engloba investigadores de Espanha, Portugal e da América Latina) tem justamente como tema *Multiculturalismo e identidades permeáveis na Literatura Infantil e Juvenil* (v. Roig Rechou, Soto López, Lucas Domínguez, 2006), possuindo uma dimensão teórica e crítica que, abrangendo as literaturas da Península Ibérica e não só, procura estabelecer bases para estudos de literatura comparada no âmbito que aqui nos interessa.



Julgo, no entanto, que a iniciativa mais meritória no sentido de dar a conhecer a literatura portuguesa e estrangeira para a infância e a juventude numa perspectiva crítica intercultural – através de resenhas de centenas e centenas de livros, de que são apontados os tópicos abordados e as faixas etárias a que preferencialmente se destinam – é o projecto/portal **Casa da Leitura**, da Fundação Calouste Gulbenkian (<http://www.casadaleitura.org/>). Além das já mencionadas sinopses, aí se pode encontrar orientações teóricas (de estudiosos portugueses e estrangeiros) sobre mediação da leitura, sobre literatura para a infância e a juventude, seus autores e ilustradores, e sobre outros tópicos de investigação, além de informações circunstanciadas sobre livros infantis editados noutras línguas, bem como em países de língua oficial portuguesa (Brasil, Angola, Cabo Verde, Moçambique e outros). Existem ainda secções (Práticas; Laboratórios; Projectos) com sugestões de actividades e descrições de projectos centrados na formação do leitor e na promoção da leitura.

Referirei, por último, a revista que eu próprio fundei em 1999 e que actualmente dirijo com Blanca-Ana Roig Rechou: *Malasartes – Cadernos de Literatura para a Infância e a Juventude*. Trata-se de uma revista portuguesa e galega, editada em Portugal, onde são publicados perfis de autores e ilustradores portugueses e galegos e resenhas críticas, além de artigos de investigação sobre as literaturas portuguesa e galega e também sobre obras traduzidas. Numa secção de “Práticas”, trazem-se ainda a lume estudos sobre actividades e projectos de promoção da leitura e sobre educação literária. Com textos em Português (variante portuguesa ou brasileira) e em Galego, contando com um comité científico e uma comissão de redacção luso-galaicos, esta revista científica desenvolve um trabalho fundamental, tanto nos domínios da história, da teoria e da crítica literárias, como na área da mediação da leitura, e tem dedicado particular atenção quer às questões da multiculturalidade e da interculturalidade, quer a uma língua minoritária, o Galego, situada na órbita do espaço linguístico lusófono.

4. Insuficiências e pistas de trabalho

Apesar de em Portugal, ao longo destes últimos anos, terem sido diversas as iniciativas, levadas a cabo por organismos públicos ou privados e por instituições de ensino e investigação, que apelam ao conhecimento de outras culturas e outras línguas; e não obstante, nas selecções bibliográficas do Plano Nacional de Leitura, constarem



numerosas obras traduzidas a par de muitas obras portuguesas, creio ser possível concluir referindo alguns pontos críticos:

- Apesar de, actualmente, a população infantil que vive e estuda em Portugal contar com uma percentagem considerável de crianças ciganas, ucranianas, russas, moldavas, romenas, oriundas do Magreb, da Índia, da China e de outros países e regiões do mundo, é quase residual a quantidade de títulos de literatura infantil originários desses espaços culturais e traduzidos para Português – o que, naturalmente, dificulta a educação para a aceitação activa da diversidade cultural, já que, no tocante a obras traduzidas, os idiomas de partida dominantes continuam a ser o Inglês, o Espanhol, o Francês e pouco mais. As edições bilingues para a infância, por seu lado, são praticamente inexistentes. Em contrapartida, registre-se o facto positivo de se observar um certo incremento na publicação de títulos de autores africanos de língua portuguesa, como Ondjaki, Luandino Vieira, José Eduardo Agualusa, Manuel Rui (Angola), Mia Couto (Moçambique), Orlanda Amarílis, Jorge Araújo (Cabo Verde).

- Mesmo na área dos Estudos Interculturais, é muito escassa ainda a investigação, de matriz universitária, focalizada no papel sociocultural que o livro infantil e juvenil desempenha num espaço de características multiculturais e multilinguísticas, como é a sociedade portuguesa. E escassos são também os relatos de projectos e actividades de promoção da leitura junto de crianças filhas de imigrantes e em processo de integração na sociedade portuguesa, com todas as tensões que tal processo habitualmente acarreta. A pesquisa feita não me permitiu detectar, em Portugal, nenhum projecto sério de investigação neste âmbito. Os poucos projectos existentes são sobretudo de intervenção sócio-educativa e parecem secundarizar a questão da educação literária e da formação de leitores.

- Faltam estudos aprofundados sobre questões de tradução e de transposição, de um idioma para outro, de textos literários para a infância e a juventude enformados por valores e códigos semiótico-culturais estranhos a um leitor português em idade pré-escolar ou escolar.

- Escasseiam também, ou são quase inexistentes, os estudos comparatistas no âmbito da literatura infantil e juvenil que coloquem em confronto obras portuguesas e estrangeiras.



- É quase nula a investigação sobre questões de mediação da leitura junto de crianças que, em Portugal, não têm o Português como língua materna.

- A observação da realidade educativa portuguesa permite afirmar que, em matéria de educação literária, professores e outros educadores continuam a evidenciar preferência por obras de autores nacionais e, por outro lado, o desenvolvimento das competências intertextual e inter-artística e o interesse pelo comparativismo não suscitam a atenção que deveriam suscitar na formação do leitor literário.

Julgo que, só colmatando tais lacunas e outras mais, será possível contribuir seriamente, no domínio da mediação leitora, para formar leitores críticos, curiosos e abertos à diversidade cultural e linguística.

Referências bibliográficas

GOMES, José António, Ana Margarida RAMOS e Sara Reis da SILVA (2008), “Literatura Portuguesa para a infância e promoção da multiculturalidade”, comunicação apresentada no IV Congresso Ibérico da OEPLI de Literatura Infantil e Juvenil, “Leo Diferente: El Libro Infantil y Juvenil desde la Diversidad Cultural”, Palácio de Miramar, San Sebastián, 3 – 5 de Julho.

LEITE, Carlinda, Maria de Lurdes RODRIGUES (2000), *Contar um Conto, Acrescentar um Ponto: Uma abordagem intercultural na análise da literatura para a infância*, Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

MORGADO, Maria Margarida (2010), “Interculturalidade e ficção infanto-juvenil em linha: Ler o quê, para quê e como”, http://conferencias.ulusofona.pt/index.php/sopcom_iberico/sopcom_iberico09/paper/viewFile/446/444 (acedido em 25-08-2010)

ROIG RECHOU, Blanca-Ana, Isabel SOTO LÓPEZ e Pedro LUCAS DOMÍNGUEZ (coords.) (2006), *Multiculturalismo e identidades permeáveis na Literatura Infantil e Xuvenil*, Vigo: Edicións Xerais de Galicia.

